

A VOZ PAROQUIAL

Mensário da Comunidade Cristã de Santiago e Maio

Propriedade e edição da
Paróquia de N.ª S.ª da Graça — C. Verde

Director e administrador: Pe. António Figueira Pinto
Redactor: Armando Ferreira

Comp. e imp. Tip. Minerva de C. Verde
Av. Andrade Corvo, 86 — Praia

Amaremos o nosso próximo
e amaremos os que estão longe de nós
amaremos a nossa pátria
e a pátria dos outros.

Amaremos os nossos amigos
e amaremos os nossos inimigos.

Amaremos os Católicos
amaremos os Cismáticos
os Protestantes
os Anglicanos
os Indiferentes
os Pagãos
os Ateus.

Amaremos todas as classes sociais
mas sobretudo as que mais precisam de ajuda

de socorro
de progresso.

Amaremos os que se riem de nós
os que nos desprezam
os que se nos opõem
e os que nos perseguem.

Amaremos os nossos adversários
e nenhum homem pode ser nosso inimigo.
Amaremos, por fim, o nosso tempo
a nossa civilização
a nossa técnica
a nossa arte
o nosso desporto
o nosso mundo.

PAULO VI

EMIGRAÇÃO EM CABO VERDE

O fenómeno "emigração" é em Cabo Verde um factor de interesse indiscutível para a subsistência das suas populações, dada a mingua de fontes de receita locais.

Por isso nos dirigimos aos Serviços de Estatística da Província, no intuito de inteiramos os nossos leitores das coordenadas deste movimento nas nossas ilhas, os quais prontamente puseram à nossa disposição alguns dados de que dispunham.

Emigração, tendência antiga em Cabo Verde

A natureza conferiu a esta terra uma pobreza pouco vulgar, traduzida numa actividade agrícola insegura e uma consequente inexistência de matérias-primas que apoiassem uma indústria indígena

Acresce o isolamento, que dificulta a própria industrialização de produtos importados. Apenas a situação geográfica oferece campo a uma hipotética actividade comercial, de resto confinada a algumas ilhas de posição estratégica mais privilegiada.

Não admira, pois, que constitua tendência antiga a da emigração, que busca no exterior os meios de subsistência doutro modo difíceis de conseguir.

Assim, e considerando apenas os últimos tempos, verificou-se um movimento emigratório notável, primeiro para os Estados Unidos da América, depois para Dakar e, finalmente, para os países norte-europeus, acompanhado sempre da tradicional emigração para o "Sul": S. Tomé, Angola e Moçambique.

Estatística dos últimos anos

E quanto a números certos de emigrantes, os Serviços de Estatística não possuem actualmente indicações específicas. Mas o quadro de entradas e saídas de pessoal em Cabo Verde, a seguir transcrito, sugere uma ideia do movimento emigratório, através das variações desses quantitativos de ano para ano.

Anos	Entradas	Saídas
1965	4.646	6.649
1966	5.880	6.123
1968	4.762	5.536
1969	5.979	8.120
Total	27.277	32.872

Há, pois, nos últimos cinco anos um total de 5 600 pessoas que se presume terem saído por espaço de tempo mais ou menos longo, e que deve ser atribuído sobretudo a emigrantes e estudantes ...

Emigração e família

São conhecidas as conveniências de a emigração se processar em família. O isolamento destas ilhas, por um lado, e a intenção de voltar subjacente à necessidade de emigrar levam, no entanto, excepção feita para o caso de S. Tomé, as famílias dos emigrantes a contentarem-se com os auxílios que deles recebem, confortando-se com as suas visitas mais ou menos espaçadas, à espera do regresso definitivo.

De facto, é atitude quase geral dos emigrantes caboverdeanos o regresso à terra natal.

A nostalgia da terra que os viu nascer não se lhes apaga com a tarefa de angariar melhores condições de vida para eles e para os seus.

Neste número

- O homem moderno e a liturgia (págs. centrais)
- Actas do Conselho Paroquial de ... (págs. dois)
- Desenvolvimento e Evangelização (págs. centrais)
- Os Pais e a catequese (págs. centrais)

Apoiado num fio
de esperança, o emigrante
vai atraído por um
horizonte de maior felicidade.

O PAPA E A PAZ

... A paz é outro problema urgente que deve ocupar a acção da Igreja nas suas relações com o mundo. Em diversas partes dele a paz ainda está ameaçada, violada e sufocada. Populações inocentes são dizimadas por acontecimentos maiores do que elas, peças ignaras de um jogo prepotente e cruel, que ceifa as suas vítimas não só entre as válidas forças dos homens, arrancados ao seu trabalho pacífico, mas também e, sobretudo, entre as crianças, as mães, os doentes, as pessoas de idade e os inermes. A guerra todos os dias provoca mortes no mundo, devido à violência ao mesmo tempo cega, astuta e insidiosa, à represália vingativa e iníqua e às consequências atrozes de insegurança e falta de alimento. Os jovens, no mundo, já não acreditam em palavras bonitas; eles vêem, com o seu intuito da realidade e com a sua percepção do aspecto moral das situações que apesar de tantos discursos — porque todos estão de acordo ao falar de paz — os episódios de guerra aumentam horrivelmente, como a mancha indelével de azeite ao pé da chama.

É preciso reflectir, mas reflectir seriamente, para ver se o que se faz no mundo, embora com boa vontade, é suficientemente eficaz ou se é necessária mais coragem na promoção efectiva da paz.

Com este objectivo dirigimos a todos, especialmente às Nações que pelo seu prestígio internacional e as suas possibilidades reais estão efectivamente em condições de contribuir para

Continua na 8.ª pág

Cursilhos de Cristandade

Com o fim de lançar o primeiro pre-cursilho desta Província chegou no dia 26 à Praia o Rev. Cónego Abel Figueiral, director diocesano daquele movimento em Uiseu.

O primeiro Cursilho de Cristandade terá início no dia 16 de Setembro próximo, terminando no dia 19.

Decorrerá no edifício do Seminário de S. José.

BISPO DE CABO VERDE

De Lisboa, onde se encontrava em repouso, partiu para Roma o bispo de Cabo Verde, D. José do Carmo Colaço, donde regressará no próximo dia 2.

O snr. D. José estará de volta a Cabo Verde no dia 7 de Agosto.

Família do Senhor Governador

Chegou no dia 22 à Praia a esposa do Snr. Governador, Snra. D. Maria Angélica Lopes dos Santos, acompanhada de seus filhos Ana Maria, Isabel Maria e Nuno António; o filho mais novo Luis Filipe já estava entre nós.

É a primeira vez que a família do Sr. Governador Lopes dos Santos se reúne em Cabo Verde.

Extractos das Actas do último Conselho Presbiteral da Diocese de Cabo Verde

As 9,30 do dia 13 de Janeiro de 1970, presidida por Sua Excelência Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Cabo Verde, começou a Segunda Reunião do Conselho Presbiteral, estando presentes todos os seus membros.

O Senhor Bispo abriu a sessão saudando os membros, manifestando a sua alegria por se encontrar entre os seus padres e agradecendo o sacrifício que todos, generosamente, fizeram para tomar parte no Conselho. Guiados pela estrela da esperança, vamos continuar o caminho já começado, que deve ser único, harmonizando os pensamentos, os projectos e a acção.

Estatuto do Conselho Presbiteral

O Presidente do Conselho deu por aprovado o Estatuto para o Conselho Presbiteral da Diocese, começando desde já a ter força de Lei. Eis, pois, o Estatuto, com as devidas emendas e correcções.

Art. I — Em conformidade e em cumprimento do Decreto "Presbyterorum Ordinis" e do Motu Proprio "Ecclesiae Sanctae" de 6 de Agosto de 1966, foi criado nesta Diocese de Cabo Verde o Conselho Presbiteral, por provisão de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Cabo Verde, de 8 de Dezembro de 1968.

Art. II — O Conselho Presbiteral favorecerá o Diálogo dos Padres uns com os outros e de todos com o seu Bispo, promoverá a união e cooperação entre o Bispo e os seus padres e fomentará a comunidade diocesana, pelo contacto do Bispo com os seus sacerdotes e, por eles, com todos os Diocesanos.

Art. III — O Conselho, representativo do Presbitério Diocesano, pôr-se-á à disposição do Bispo na elaboração dum plano orgânico em ordem à acção da comunidade diocesana, tendo, como missão essencial, uma colaboração activa no governo da Diocese.

Art. IV — Embora como órgão consultivo, o voto do Conselho Presbiteral será tido em conta pela Autoridade Diocesana, enquanto reflecte o pensamento do presbitério que representa.

Art. V — O Bispo da Diocese, como próprio, ordinário e imediato pastor da Diocese (Dec. Christus Dominus N.º 11) e porque no Conselho será ouvido o parecer dos padres sobre o que respeita às necessidades da pastoral e ao bem da Diocese (Ecclesiae Sanctae, N.º 15), é o Presidente do Conselho Presbiteral, de tal modo que este Conselho só pode ser convocado pelo Bispo e presidido por Ele ou pelo seu Delegado.

§ único — No Conselho Presbiteral só podem ser ventilados assuntos aprovados pelo Bispo da Diocese, podendo ele retirar da agenda qualquer ponto que julgue inoportuno ou reservado aos Consultores Diocesanos.

Art. VI — O Conselho Presbiteral terá um corpo directivo formado pelo Presidente (o prelado), um Secretário e dois Vogais.

§ único — O Secretário e os dois vogais serão eleitos pelo Conselho no início da primeira reunião, continuando o seu mandato para além da duração do Conselho até à primeira reunião do novo Conselho, que será formado segundo o determinado no artigo seguinte.

Art. VII — O Conselho Presbiteral será constituído por membros designados pelo Bispo e por membros eleitos pelo clero que trabalha na Diocese, de tal modo que nele estejam representadas todas as ilhas e todos os sectores sacerdotais (padres diocesanos e Congregações religiosas), bem como as diferentes idades dos padres em activo.

§ 1.º — Entre os membros designados pelo Bispo, além do Vigário Geral, devem estar representados o Cabido, a Cúria, o Seminário, Assistentes Diocesanos dos Movimentos do Apostolado dos Leigos e o Ensino de Moral e Religião nos Liceus e Externatos, podendo, cumulativamente, um padre representar mais de um destes sectores.

§ 2.º — Os membros designados pelo Bispo devem ser conhecidos antes da escolha dos membros eleitos a fim de, na votação, haver um campo mais vasto para a escolha dos padres que o clero deseja no seu Conselho, podendo o Prelado nomear mais alguém depois da eleição, para completar o quadro representativo do Conselho.

§ 3.º — Os membros eleitos do Conselho Presbiteral serão somente três, representando os sectores sacerdotais mais numerosos que trabalham no Apostolado da Diocese: padres Diocesanos, padres da Congregação do Espírito Santo e padres Capuchinhos, de Turim e de Roma. Os padres Salesianos, como por enquanto são ainda poucos, não terão representantes eleitos, mas podem juntar-se a qualquer dos três grupos, à sua escolha, para a eleição do membro do Conselho.

O Senhor Bispo nomeará um chefe de cada grupo, convidando ao mesmo tempo todos os padres à votação, e, apurado o eleito, isto é o que tiver mais votos, o chefe do grupo comunicará o seu nome ao Corpo directivo do Conselho Presbiteral.

§ 4.º — O Corpo directivo e os membros do Conselho, designados ou eleitos, são nomeados pelo prazo de dois anos, devendo-se, no fim desse prazo, eleger e escolher os novos membros do Conselho, que podem ser os mesmos ou outros, salvaguardando-se porém o determinado no § 1.º.

Art. VIII — Haverá duas reuniões do Conselho Presbiteral por ano, em datas fixadas de antemão pelo Corpo Directivo, durando, em princípio, cada reunião três dias — de 3.ª feira a 5.ª, inclusive.

§ único — Se o Corpo Directivo achar conveniente, poderá, sob proposta do Bispo, convocar mais uma reunião extraordinária do Conselho.

Art. IX — Três meses antes da reunião do Conselho, o Secretário pede sugestões a todos os padres que trabalham na Diocese, sugestões que devem ser enviadas dentro do prazo de um mês, a fim de ser elaborada agenda pelo Corpo Directivo que será enviada a todos os membros do Conselho 45 dias antes da reunião, para que todos possam estudar devidamente os assuntos.

§ único — Juntamente com a Agenda do Conselho, irá a nomeação dos relatores para os diferentes assuntos.

Achegas para a Organização dos Conselhos Paroquiais

Foram relatores três Párcos que já criaram os Conselhos Paroquiais nas suas freguesias: Padre Figueira, párcos da Praia; Padre Camilo, párcos de Nossa Senhora da Conceição no Fogo; Padre Pio, párcos da Brava.

O Padre Figueira, que havia criado o Conselho mesmo antes da primeira reunião do Conselho Presbiteral, dedicou por enquanto a finalidade do seu Conselho a uma das obras de primordial importância na sua paróquia — construção de um Centro Paroquial. Atendendo ao seu fim específico, nomeou pessoas de certa classe social, que pudessem ajudá-lo na sua grandiosa empresa, e, até hoje, conseguiu excelentes resultados. Sente, porém, que terá de estruturar o seu Conselho noutras moldes se quiser obter os fins próprios dos Conselhos Paroquiais à luz do Vaticano II.

O Padre Camilo disse que o seu Conselho Paroquial ainda está em rodagem pois só fez três reuniões, procurando mentalizar os seus membros quanto à sua função específica na paróquia. Procurou escolher membros que representassem todas as classes da sua comunidade paroquial: pessoas da cidade, funcionários, juventude, elementos válidos do interior, Escola Materna, Religiosas, e o Sacerdote que com ele coopera na Paróquia, num total de 18 membros. Embora em rodagem, espera bons resultados do seu Conselho. Há interesse por parte de todos, havendo uma intercomunicação dos problemas da paróquia, mesmo de pequenas circunstâncias dos lugares humildes que serve para um despertar de consciência da gente da cidade, geralmente alheia às necessidades dos pobres do interior. Há sobretudo um tomar de consciência dos paroquianos ao sentirem-se responsáveis por toda a comunidade que, anteriormente, julgavam múnus exclusivo do Pároco.

O Padre Pio disse que tinha reuniões quinzenais, fazendo parte do Conselho Paroquial pessoas de todos os sectores, num total de quinze membros. Vive-se a reunião num ambiente de verdadeira família, em que pessoas humildes se sentam ao lado do Administrador como iguais, conversando em mesa redonda. Todos falam num à-vontade que edifica, pondo problemas, apresentando sugestões, sugerindo apostolados esquecidos, interessando-se não só por questões materiais da paróquia, mas também espirituais, e mesmo, querendo responsabilizar toda a comunidade, já propuseram que os membros do Conselho deveriam ser eleitos pelos paroquianos. Embora não fazendo parte do Conselho, são por vezes chamadas outras pessoas, como o médico, que possam elucidar certos assuntos em que são especializadas. Em toda a sua exposição mostrou calor e optimismo que procurou incutir nos párcos presentes, levando-os também a tentar uma experiência pessoal. Os resultados são verdadeiramente consoladores e esperançosos, levando os membros a uma vivência mais cristã e a um despertar para uma família paroquial mais autêntica.

Outros párcos falaram ainda, mostrando os motivos porque não criaram os Conselhos Paroquiais, apresentando dificuldades do meio, infraestruturas que não estão criadas, ambientes de mais difícil assimilação, mentalidades menos abertas ao diálogo, etc. É certo que nem sempre a experiência de uma ilha vale para as outras e que, se numa paróquia há elementos de comando, noutras predomina a possibilidade; porém os que já fizeram a experiência sentem-se optimistas e chegam a ver mesmo razões a favor, precisamente nas objecções apresentadas pelos que ainda não experimentaram.

Fizou-se finalmente que os padres que trabalham na paróquia devem ser elementos imprescindíveis no Conselho Paroquial.

(Continua no próximo número)

CASA MOEDA

TELEFONE, 212

Praia—CABO VERDE

Prefira o melhor:

≡ Novidade,

bom gosto

e bons preços ≡



Visitando esta Firma

Praia—A CONSTRUÇÃO do Centro Social Paroquial

Quem visita a Pracinha do Liceu ou se dirige à Fazenda pela rua Sá da Bandeira, não poderá deixar de admirar a magnífica construção que se está levando a efeito no local onde, ainda há bem pouco tempo, a Missão de Endemias exercia a sua actividade.

Demolido o prédio de construção antiga que, numa área bem grande, ali ocupava somente a parte central, surgem agora, passada a fase de terraplanagem, pilares que se elevam em majestade e grandeza, paredes alçadas onde o basalto se impõe pela beleza da sua cor uniforme e, no meio de toda essa construção em marcha, operários que, nos seus variados ofícios, vão criando, dia a dia, um imóvel que já se impõe pela sua grandeza e que ostenta o esqueleto de suas linhas arquitectónicas modernas.

Trata-se do edifício do Centro Social Paroquial, cuja primeira pedra foi lançada a 17 de Maio último, em cerimónia a que assistiram as mais altas individualidades da capital e uma multidão enorme de paroquianos.

Está-se, pois, cumprindo, pela acção directa do Conselho Paro-

quial, presidido pelo párcos da freguesia, a promessa de fazer construir o edifício destinado a casa de convívio dos paroquianos, ou seja o Centro da família católica da freguesia de Nossa Senhora da Graça.

A obra não é pequena, porque grande e populosa já é toda a freguesia, circunstância que necessariamente obriga a que a obra seja construída na devida proporção, considerado ainda o crescimento demográfico.

A iniciativa da sua construção recebeu dos bons católicos o primeiro encorajamento, através do substancial auxílio pecuniário por parte dos nossos irmãos desta e destas parcelas de Portugal e especialmente da América do Norte, onde o núcleo caboverdiano ali radicalizado continua a seguir, com fé e amor, as obras beneméritas e de progresso que se levam a efeito na sua terra natal, à qual continuam a dedicar a maior atenção e a proporcionar auxílio.

Poder-se-á dizer que a obra é grande e de vulto, mas nós todos quantos estamos empenhados na sua realização e vamos contribu-

Continua na 8.ª pág.

DAS PARÓQUIAS

Calheta de S. Miguel

Lar da Sagrada Família

Conforme anunciáramos no mês passado, estão já neste lar, embora em regime periódico, duas irmãs do Espírito Santo: a ir. Anilda e a ir. Adélia Maria, colaboradoras do nosso pároco na assistência social da nossa igreja. Uma é enfermeira e outra catequista. Quando, em Outubro, vier uma terceira, professora, ficarão a residir cá permanentemente.

Autocarro

Calheta vai caminhando em franco progresso. A carreira diária de autocarro Calheta-Praia-Calheta veio beneficiar sobremaneira a freguesia, podendo dar-se uma escapadela à capital de manhã e regressar-se à tarde, comodamente instalado. Os senhores Francisco Furtado, António Correia e Silva e João Pereira Tavares formam a "tripulação" e vêm conquistando os passageiros com uma morabeza acolhedora e cativante. Pena é que os preços elevados não sejam acessíveis ao comum dos habitantes da nossa terra.

Estrada

O calcetamento da estrada Milho Branco-Calheta, que parecia um sonho, tornar-se-á brevemente numa realidade. Avança a passos de gigante; já alcançou Covão Sanches; poucos metros faltam para penetrar na nossa freguesia. Assim, na próxima época pluviosa, com Deus os motoristas já não terão receio de pernoitar atolados nos antigos lamaçais das nossas estradas.

Também para o Tarrafal a estrada sofreu já uma considerável metamorfose, no traçado e nas dimensões. Já se vislumbra num futuro próximo o prolongamento da carreira da Praia até àquela vila.

Telefone

A povoação da Calheta aguarda com a maior das ansiedades a instalação do telefone, pois que é uma das raras freguesias desta ilha que o não possui, apesar dos seus doze a catorze mil habitantes. Muitas vezes nos vemos na necessidade de nos deslocarmos a Pedra Badejo (doze Km) para nos pormos em contacto com a capital. . .

Monitores

Além dos professores eventuais foram sete os monitores paroquiais que ensinaram, com muita dedicação, as nossas crianças. Uma nova leva de 25 a 30 candidatos se prepara já para seguir o curso deste ano. Oxalá possam ficar todos aprovados para que, em breve, todas as crianças de S. Miguel possam usufruir dos benefícios da instrução.

Festa de S. Pedro

No Domingo 28 de Junho houve, em Achada do Monte, Missa e procissão, muito participadas. Foi inaugurada uma bela imagem do santo padroeiro em cedro do Brasil. Custou 4.000\$00. Para o seu pagamento quiseram dar a sua ajuda:

Anónimo — Calheta	100\$00
Benjamim Cardoso	
— Calheta,	30\$00
Marcelino Gomes Tavares	
— Principal	60\$00
Jacinto Lopes da Costa	
— Monte Pousada	50\$00
Miguel Soares Tavares	
— Principal,	75\$00
Valdemar V. Velhinho Rodrigues — Calheta, . . .	20\$00
Anónimo — Govada	20\$00
Filinto B. Gomes Furtado	20\$00

Os amigos de S. Pedro estão de parabéns e . . . se a subscrição continuasse. . .

Desporto

Campeonato do mundo de Futebol—É indescritível a alegria que se apoderou dos famintos da bola desta povoação quando seguiram, pela rádio, a estrondosa derrota que o nosso Brasil infligiu à Itália no dia 4 de Junho. Parabéns, Brasil!

Santa Filomena, 2— S. Lourenço dos Órgãos, O — Realizou-se no dia 29 de Junho mais um desafio de futebol entre as duas equipas, agora no campo Pélé, da Calheta.

As equipas alinharam:

Santa Filomena: Homem de ferro, Satadjado, Ximento, Gugu, Coque, Tote, (Augusto), Benvindo (Tóto), Djêdjê, Mimoso, Moreno e Pelêzinho.

São Lourenço: José António, Manuel de Pina, Zezé, Filomeno, Chantre, Chiquinho, Fifa (António Landim) Centeio, Betinho, Gabriel e Aquiles.

Ao intervalo; 0-0.

Após o intervalo, o team local atacou de entrada com brio e decisão, acabando por vencer a 2 bolas, golos fulminantes do grande Gugu.

O encontro foi dirigido pelo árbitro Lela, que satisfaz.

Velhinho Rodrigues

Santiago Maior

No Seminário de Leiria (Fátima) concluiu os seus estudos de Teologia o seminarista Leocádio Ramos Silva. Co ngratulando-se com o facto, os seus conterrâneos e amigos esperam ansiosamente o dia da sua ordenação sacerdotal.

O passado dia dezoito de Maio foi assinalado com a inauguração da carreira de autocarros que diariamente serve esta freguesia nos dois sentidos. A inauguração deste confortável meio de transporte, incontestável sinal de progresso, constituiu motivo de satisfação para a população. Pena é que o preço dos bilhetes ponha este meio de transporte fora do alcance de muitas bolsas!

As povoações de Librão e Porto Madeira ficarão brevemente mais abertas ao progresso. As estradas que tirarão os ditos lugares do isolamento estão a ser abertas.

Em Maio do ano corrente a população de Santiago Maior ultrapassava os 11.600 habitantes. Só a povoação de Pedra Badejo tinha à sua conta para cima de 1.800 almas.

Por iniciativa do regedor da freguesia e o apoio de um pequeno grupo de pessoas, que contribuíram com alguns donativos para esse fim, foi possível fazer uma limpeza e arranjo geral no Cemitério que sob esse aspecto deixava muito a desejar.

Pelo menos agora, quem o visita já fica com a impressão de que há algum respeito por aqueles cujos corpos lá estão sepultados e que se acredita que no dia da Ressurreição as almas se lhes reunirão.

Aplaudimos, sem reservas, estas iniciativas desinteressadas em ordem ao bem comum.

As povoações têm as suas aspirações; e quando essas aspirações se relacionam com os meios indispensáveis à vida, como é o caso, devem merecer toda a atenção de quem de direito.

É cada vez mais deficiente o abastecimento de água à povoação de Pedra Badejo. Não se compreende que para abastecer cerca de duas mil pessoas exista um único chafariz "funcionando" algumas horas durante o dia.

E a situação tende a agravar-se, pois, enquanto a população continua a aumentar, tem aumentado também o número de "derivações" instaladas na única conduta que abastece a povoação.

Água com mais abundância e desconcentração do local de abastecimento, "instalando" um chafariz em Porto Abaixo e outro em Achada Fátima, não serão aspirações legítimas?!

Ainda a propósito, notamos que junto à estrada, em Renque de Purga, existe um chafariz que, desde há três meses, parece estar lá apenas para "sueco" ver!

Uniram-se em Matrimónio:— Felisberto dos Reis Borges, de O'rgãos, com a menina Teresa de Jesus Garcia Cardoso; José dos Reis Afonso com a menina Maria Gomes Monteiro, ambos de Librão; Victor Hugo Monteiro da Fonseca com a menina Ernestina de Jesus Gomes Freire, ambos de Pedra Badejo.

Felicitemos os jovens casais e desejamos-lhes as maiores felicidades.

Picos e O'rgãos

Desde o princípio do mês de Junho começou a funcionar nestas duas paróquias o Centro de Assistência Materno-Infantil.

A Irmã Maria Alice tem sido incansável neste trabalho de assistência às crianças e mães. Nos Picos trabalha às quintas e nos Órgãos às terças-feiras.

Fez-se o ficheiro das crianças até aos 30 meses, tendo as mais fraquinhas começado a receber leite todos os dias. Estão encarregadas desta distribuição, nos Picos a Felicidade e Brigida e nos Órgãos a Margarida.

A festa do Sagrado Coração de Jesus foi celebrada com grande brilho nas duas paróquias, mas duma maneira especial nos Picos onde novos associados e zeladores fizeram as suas consagrações.

No dia 18 de Junho as crianças da Escola Paroquial dos Órgãos tive-

ram o seu passeio para a Praia-Baixo. Foi um dia de grande alegria e algazarra para todas elas, pois, muitas pela primeira vez estiveram junto ao mar.

Começaram a 20 de Junho os exames da Instrução Primária. Os resultados obtidos foram muito bons tanto nos adultos como nas crianças.

Parabéns a todos e para os adultos coragem para o novo ano lectivo.

No dia 1 de Julho partiu para a Metrópole em missão de serviço o P. Arlindo, pároco dos Órgãos e Picos. Na véspera da sua partida o povo dos Órgãos despediu-se dele, tendo os cantores dos Picos vindo juntar-se aos dos Órgãos, passando a tarde a gravar as cantigas do seu vasto reportório.

Ao Sr. P. Arlindo todos desejamos um bom trabalho e um rápido regresso e oxalá que não venha sozinho.

No dia 2 de Julho esteve nos Órgãos a Senhora D. Odete que acabava de chegar da Metrópole como enviada da A.C. de visita às secções de Cabo Verde. Esteve a combinar serviço com os dirigentes da Paróquia.

Na quinta-feira, dia 9, esteve nos Picos onde dialogou com os membros da A.C. e os encorajou ao trabalho. No dia 10 esteve novamente nos Órgãos agora em visita oficial. Tanto nos Picos como nos Órgãos ficou encantada com o trabalho realizado.

As crianças da 1ª comunhão do estágio de catequistas tanto do Órgãos como dos Picos fizeram os seus exames. As primeiras comunhões foram a 14 e 19 nos Picos e Órgãos, respectivamente.

As duas paróquias agradecem duma maneira especial à Irmã Maria Madalena o trabalho realizado tanto nos estágios como nos exames das crianças, não esquecendo as Irmãs Olímpia e Maria do Carmo que colaboraram nos exames.

Aproxima-se o tempo das sementeiras. O povo está a encarar com coragem e esperança este novo ano agrícola. Apesar de física e monetariamente esgotado começou já, em algumas zonas, a semear.

Que Deus proteja estas novas sementeiras feitas na dor a fim de que tenhamos a alegria das colheitas.

CASA DO LEÃO

DE

Nunes Leão & Irmão

Relógios

Aparelhos-Rádio

Máquinas fotográficas

Tecidos

Camisas

Retrozarias

PERGUNTE

No último n.º de "A Voz Paroquial" falou de "namoro cristão".

Eu tenho uma namorada. Gosto dela e suponho que ela de mim. Permite que lhe exponha um dos meus problemas. Sabe, o nosso meio não deve ser dos melhores. Eu gostaria de casar com uma jovem que fosse virgem. Como poderei saber se a moça é virgem, se como noivo entendo que lhe não devo tocar?

É talvez uma pergunta muito crua, mas alguém nos há-de ajudar a resolver os nossos problemas.

M. D.—Praia

Estás no teu direito de não querer casar com uma jovem que não tenha conservado a integridade do seu corpo. Permite também que eu te faça uma pergunta. Tens tu conservado a integridade do teu? Se respondes sim estás no direito de exigires, de outro modo não. Pensa que homem e mulher têm iguais direitos e iguais deveres. Por isso, o que tu exigias da jovem deve ela exigir de ti, embora na nossa mentalidade ocidental e, sobretudo, no nosso meio caboverdiano tal se não verifique.

A virgindade é olhada muito sob o aspecto físico, corporal. Ora, eu julgo que a virgindade tem outro aspecto muito mais importante — o espiritual e afectivo. Gostarias de casar com uma jovem, virgem corporalmente, mas que se prostituiu no seu coração em desejos e pensamentos com este e aquele rapaz? Não achas que é mais de apreciar uma menina que não possui a

DIGNIDADE HUMANA

Aquelas palavras pronunciadas por Deus antes da criação do primeiro ser humano: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança", tomam hoje, mais do que nunca, o seu pleno sentido teológico, psicológico, social e político.

virgindade física (porque um "malandro", quando ela tinha quinze anos, abusou dela violentando-a ou seduzindo-a, não apreciando ela—porque criança—o que lhe era feito), mas que hoje, vendo o alcance das coisas, possui um coração íntegro e puro?

Penso, pois, que o teu critério de apreciação não é o mais válido e profundo. Aliás, as pessoas valem pelo que são no presente e não pelo que foram. A virgindade espiritual (que arrasta a física), as qualidades morais e intelectuais que uma donzela possui no momento do casamento valem muito mais que todas as membranas...

P. Teles

Dirija a correspondência para a secção

"Pergunte ... Que nós respondemos"
C. P. 10—Praia - C. Verde

...QUE NÓS RESPONDEMOS

Os Pais, primeiros catequistas

Habitualmente os pais confiam aos catequistas a educação religiosa dos seus filhos. Importa, porém, que tenham bem presente que todos não somos demais para levar a bom termo uma obra tão delicada.

Manda a experiência que se estabeleça à volta da criança uma rede tal de influências que, se uma se exerce menos eficazmente, venha outra compensar a defi-

dos seus Filhos

ciência havida. Entre todas as influências que possam exercer-se junto das crianças, a dos pais fica sempre em primeiro lugar.

O Concílio Vaticano II, na "Declaração sobre a Educação" afirma categoricamente: "o papel educativo dos pais é de tal importância que, se estes falharem, esta falha dificilmente poderá ser suprida."

Só esta carência explica tão dolorosos casos, para os quais a sociedade procura, tantas vezes em vão, soluções de substituição.

A mesma declaração sobre a educação fala de "atmosfera familiar".

Com efeito, é sobretudo por um clima que se faz a educação.

Os pais e outros educadores fiam-se demasiado nas palavras, nos conselhos que dão aos seus filhos. Tantas vezes, porém, os vemos censurar aos filhos defeitos, esquecendo-se os pais que os filhos afinal, não fazem mais que seguir-lhes o exemplo.

Mais do que palavras, mesmo mais do que certas acções "para inglês ver" são sobretudo as atitudes que os pais tomam, no dia a dia, que marcam os filhos e quase sempre para a vida inteira.

Quem dentre nós não conserva recordação de tal ou tal acontecimento, de tal ou tal atitude que em criança o impressionou, pre-formando nele o homem que hoje é?

Com razão nos ensina o antigo ditado: "casa de pais, escola de filhos".

Mas não podemos pensar em educar a criança exclusivamente no interior da família. É preciso abrir a criança aos apelos do mundo que a cerca, aos problemas dos seus irmãos, especialmente os pobres, peca dores e doentes.

Nos nossos dias qualquer homem da rua tem consciência, clara ou obscura, mas sempre sabe quando é lesado na sua dignidade e direitos humanos. Por isso, hoje em dia tornam-se mais que frequentes as reivindicações, as greves, os protestos, os cartazes, o bastão e o gaz lacrimogénio da polícia. Essa reacção é universal e não vem de agora. Com efeito, a Revolução Francesa, embora catastrófica em muitas facetas, marca contudo uma vez para sempre uma nova era da História: A Idade Contemporânea, caracterizada pela introdução da democracia, onde pela primeira vez se exigida a Proclamação dos Direitos do Homem: "todos os homens nascem e continuam livres e iguais em direitos (art. 1). O fim de toda a sociedade política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem" (art. 2).

Já no nosso século, a Organização das Nações Unidas faz a Proclamação Universal dos Direitos do Homem, cujo vigésimo aniversário foi celebrado em todo o mundo há bem pouco mais de dois anos, "acto de transcendente importância", na expressão de João XXIII. No seu art. 1 promulga que "todos os seres humanos nascem livres e iguais em direitos e dignidade".

Assim, toda a família humana e, mais especialmente, a família cristã, é meio providencial, por causa das graças recebidas pelos pais no sacramento do Matrimónio, para ensinar a criança a descobrir Deusconsoante as dimensões das suas faculdades. A fé da criança tem direito a que a respeitemos e não só que a respeitamos, mas que a ajudemos a crescer.

É de censurar a atitude de certos pais que misturam Deus a todas as suas vontades, que dão como vontade de Deus à criança aquilo que não incomode o seu próprio sossego.

a família introduz a criança na Igreja

A criança encontra a Igreja na paróquia (Igreja, não casa de pedra; Igreja, feita por todos os filhos de Deus).

Os pais têm obrigação de fazer contactar os seus filhos com a Igreja, de que eles também são membros, através da paróquia. É aí que a criança se encontra com os adultos e com os elementos mais diversos da sociedade humana. É aí que ela se introduz numa comunidade dos homens que é ao mesmo tempo o povo de Deus, já feito e sempre a fazer-se.

Toda a comunidade paroquial tem obrigação de dar o seu contributo para a formação das crianças do modo que lhe for possível.

as crianças também nos ensinam

A educação é recíproca em todas as relações humanas e, em particular, no quadro familiar.

Quem poderá dizer que não foi transformado pelos seus filhos?

As reacções e as perguntas dos jovens sobre a guerra, a liberdade, o racismo, a prática da religião, não obrigam muitas vezes os pais a uma reflexão profunda sobre esses mesmos problemas?

É precisa uma atitude de profunda benevolência para reconhecer o que há de válido, sob a aparência, por vezes de sagradável, de certos modos, maneiras de viver, de contestar que os jovens de hoje manifestam.

Há nisso como que um sinal, um chamamento aos pais que lhes indica o caminho a seguir: viver com os filhos e não diante deles; aceitar, sem que isso seja demissão ou fraqueza, integrar-se deliberadamente no mundo de hoje, virados para o futuro.

As crianças terão espontaneamente mais confiança nos pais que aceitam evoluir, e manifestam assim uma grande exigência de verdade nas suas palavras e acções.

A boa vontade, o bom senso, o amor pelos filhos, o desejo de os tornar felizes, tudo aquilo que de uma forma confusa se reúne sob o nome de instinto paternal ou maternal, é sem dúvida indispensável

Continua na 7.ª pág.

Pondo estas declarações em paralelo com a doutrina da Igreja, verificaremos que se baseiam precisamente numa antropologia bem cristã. Realmente toda a dignidade do homem advem-lhe do facto de ele ser pessoa, natureza dotada de inteligência e vontade livres, à semelhança de Deus. Portanto, conclui João XXIII, a fonte do direito é a natureza humana, comum a todos, e daí a igualdade entre todos os homens assinalada variadíssimas vezes em documentos do Magistério, apesar da acusação falsa feita à Igreja de ser partidária do totalitarismo e de fazer conluio com os capitalistas para o esmagamento do proletariado. Ela, mais do que ninguém, está à altura de proclamar os direitos e a dignidade inerentes à natureza do homem, uma vez que é a intérprete da Revelação de Deus ao homem. Efectivamente, em Cristo, Imagem de Deus invisível, o novo Adão, o Homem Perfeito, a natureza humana foi assumida, unida com a sua santidade substancial e, por isso mesmo, elevada, também em nós, a uma dignidade sem par (GS 22). Com a Encarnação Cristo torna-se Primogénito de muitos irmãos e n'Ele todos são chamados a uma vocação comum de filhos de Deus: "Porque todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Jesus Cristo; pois todos vós que fostes baptizados em Cristo vos revestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gál. 3,26-28). Com razão o Concílio condena toda a forma de discriminação que atinge os direitos fundamentais da pessoa, quer se

Continua na 7.ª pág.

A Missa de ontem... agora e sempre

IV A Liturgia Eucarística

A aceitação da Liturgia da Palavra por parte da Assembleia leva os fiéis a entrar no centro do mistério de Cristo. A palavra anunciada torna-se eficaz, poderosa, operosa e Cristo salvador glorificado torna-se presente, por força da palavra, nos elementos do pão e do vinho.

1 — A liturgia eucarística enraíza-se na liturgia eucarística da páscoa judaica. Nesta, a salvação dos judeus de entre os egípcios era cantada pela evocação das maravilhas de Deus operadas no povo de Israel (mar vermelho, maná, travessia do deserto...).

Foi durante uma liturgia pascal judaica que Cristo tornou realidade a simbologia e a tipologia do cordeiro, da travessia do mar, do maná. *Os escritores sacros compreenderam tão bem o novo sentido e realidade da nova "acção de graças" que, ao fazerem a narração da última ceia do Salvador, acentuam apenas o que de novo entra em acção: o pão e o vinho, os gestos e palavras de Cristo: tomou o cálice de graças, entregou, isto é o meu corpo, isto é o meu sangue, fazei isto em memória de mim...

2 — Hoje a celebração da "acção de Graças de Cristo" tem, segundo o imperativo de Jesus, o mesmo centro. O Sacerdote-ministro começa um cântico de louvor ao Pai (Prefácio) em que o Povo toma parte com uma aclamação (o santo) tirada duma liturgia local usada



MÃE

Também tu podes ser mãe. Porque geradora da vida, a mãe ocupa um lugar muito especial na história dos homens. Como tal, deve ser amada com aquele mesmo amor com que o Pai nos ama: desinteressada e apaixonadamente. Mas a verdadeira maternidade foi Cristo quem no-la revelou. "Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos?" (Mt. 12,48) "Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática" — Lc. 8,21.

À mulher que louva Maria pela sua maternidade carnal, diz Cristo que a sua grandeza vem da sua fidelidade a Deus. O que faz de Maria a Mãe por excelência é a sua fidelidade à Palavra do Senhor. Porque ouviu essa Palavra e a pôs em prática ela é, verdadeiramente, bendita entre as mulheres. Pelo seu "fiat" Maria faz-se mãe. Como ela, também nós podemos e devemos ser mães uns dos outros. E de facto, Cristo estende esta maternidade espiritual (superior à maternidade física) a todos os seus seguidores: «indicando com a mão para os discípulos, acrescentou: ai estão minha mãe e meus irmãos; pois todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe» (Mt. 12,49-50).

M. C. G.

MÃE

já no tempo de S. João como se depreende do Apocalipse. O desenvolvimento desse louvor continuase até o sacerdote ministro colocar nos seus lábios as próprias palavras de Cristo ("isto é o meu corpo..."), "isto é o meu sangue...") depois de historiar o desenrolar da última ceia. Então chama a atenção dos fiéis para a maravilhosa força da palavra de Cristo apresentando-lhes os sinais do pão e do vinho como nova realidade — Cristo morto e glorificado.

3 — A celebração eucarística conhece, na nova renovação litúrgica promovida pelo Conc. Vaticano II, dentro da Igreja latina três tipos de actualização — as três preces eucarísticas ou anáforas como a Igreja lhes chama, ficando apenas invariável o núcleo central, as palavras de Cristo que são composição da Igreja com as palavras recolhidas nos livros inspirados

Um estudo pormenorizado destas três "preces" levar-nos-ia à conclusão de que nelas, ainda que por palavras diferentes com expressões mais ou menos concisas, se notam as mesmas ideias: louvor, súplica, invocação do espírito, narração da ceia, anamnese, comunhão dos santos...

Nas três também o povo intervem pelo "santo", pela resposta ao pregão "eis o mistério da Fé" e à doxologia (louvor) final Parecem-nos ser importantíssimas estas intervenções, correspondendo a um tríplice viver da assembleia: louvando, crendo e oferecendo...

4 — Do núcleo central da narração eucarística depreende-se como ideia-força fundamental o carácter de refeição da celebração. Tomai — comei e bebei. São dois termos sem equívoco. A Missa, a celebração eucarística, não tem sentido sem este "comer" e este "beber". A comunhão é, pois, celebração eucarística faz parte da acção, é acção. A participação do povo por uma autêntica comunhão — união com Cristo e os irmãos — é o melhor termómetro da vitalidade duma assembleia cristã.

Veríssimo Manuel

DESENVOLVIMENTO E EVANGELIZAÇÃO

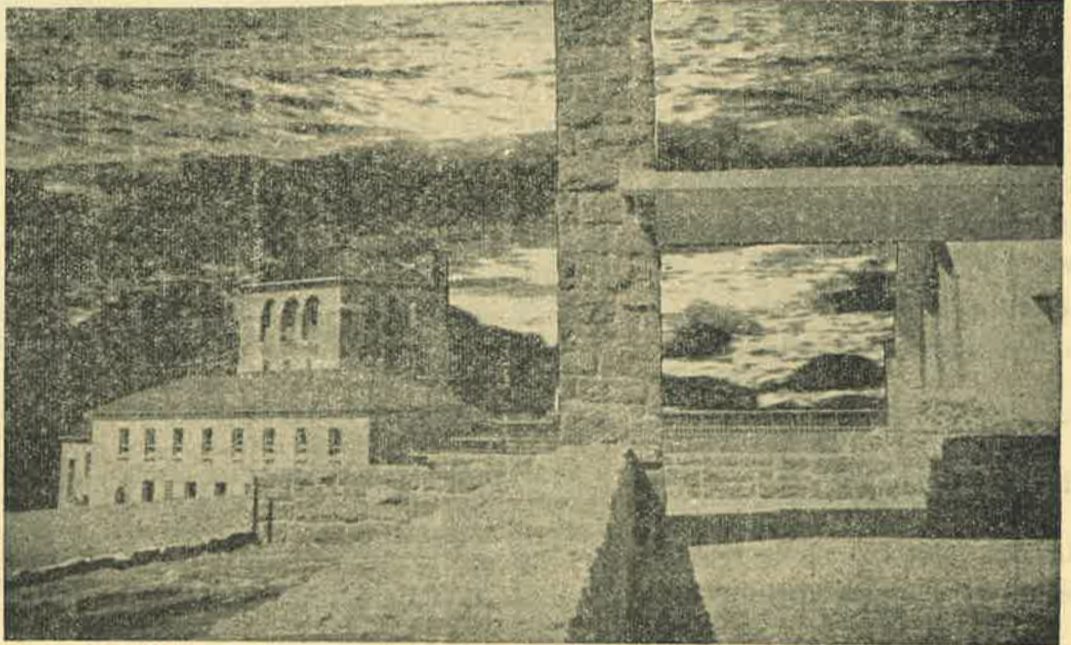
O Verbo de Deus, pelo qual foram feitas todas as coisas, fazendo-se homem e vivendo na terra dos homens, entrou como homem perfeito na história do mundo assumindo-a e recapitulando-a. Ensinou-nos que a lei fundamental da perfeição humana e, portanto, transformação do mundo, é o novo mandamento do amor (é todo o n.º 38 da G. S.).

A actividade humana individual e colectiva e o esforço para melhorar as condições de vida corresponde à vontade de Deus.

Mais justiça, mais fraternidade, melhor

organização das relações sociais, é o desenvolvimento preferido por Deus. E o progresso técnico na medida em que contribui para a promoção humana e o bem-estar dos homens.

"Todas as coisas são vossas"... Mas não esquecer: "vós sois de Cristo e Cristo é de Deus". O cristão liberta-se das vaidades das coisas, purifica-se pela cruz e ressurreição, mas ama todas as coisas criadas. Dá por elas graças ao Pai e torna-se senhor delas em nome do primeiro Senhor.



A Igreja é "agrupamento visível e comunidade espiritual": caminha juntamente com toda a humanidade; participa da mesma sorte terrena do mundo; é fermento e alma da sociedade humana para a renovar em Cristo e transformar em família dos homens através dos seus membros e por toda a sua comunidade: espalha sobre todo o mundo os reflexos da sua luz, enquanto cura e eleva a dignidade da pessoa humana; consolida a coesão de sociedade; dá sentido mais profundo à quotidiana actividade dos homens.

Aquele que segue Cristo torna-se homem perfeito. A Igreja descobre ao homem o sentido da sua existência e a verdade profunda do seu ser.

A unidade da família humana recebe um grande reforço e encontra seu acabamento na Unidade dos filhos de Deus. A missão própria da Igreja não é de ordem política, económica ou social (o seu fim é religioso), mas da missão religiosa da Igreja deriva um encargo, uma luz, uma energia que podem servir para o estabelecimento e consolidação da comunidade humana segundo a divina (G. S., n.º 42).

O divórcio entre a Fé professada e o comportamento quotidiano é um dos erros mais graves do nosso tempo! Vida religiosa e actividades profissionais e sociais não se opõem. O cristão que descuida os seus deveres temporais falta ao próximo e a Deus id., n.º 43).

"Eu sou o Alfa e o Omega"! A consumação da história humana é a recapitulação de todas as coisas em Cristo (id. n.º 45).

Existem, pois, laços estreitos entre a cultura humana e a história da Salvação: Deus falou segundo a cultura própria de cada época; a Igreja empregou os recursos das diversas culturas para fazer chegar a todas as gentes a mensagem de Cristo; o Evangelho de Cristo renova continuamente a vida e cultura do homem decaído — combate os erros nascidos da permanente sedução e a ameaça do pecado; purifica e eleva os costumes; fecunda com seus tesouros as qualidades e dotes de todos os povos e tempos.

A Igreja, na realização da sua missão, estimula e ajuda a civilização e, com a sua actividade, mesmo com a litúrgica, educa a inteira liberdade do homem

ARLINDO AMARO

está pronto a assumir todos os valores, sem nunca se repetir.

Tal tarefa exige abertura e acolhimento corajoso desinteressado, quando nos põem em questão, bem como os nossos hábitos, discernimento entre o autêntico e o inaceitável, o que deve ser ouvido e o que deve ser criticado. Importa estar atento ao egoísmo, precavido contra a tentação do sensacional, esclarecido por uma reflexão adulta, de uma vida cristã desempoeirada, de uma sociedade respeitadora de todos os valores, venham eles donde vierem. O mundo novo parece preferir a sinceridade às verdades, a vigilância activa (urgência) aos traços cruzados, o risco à "segurança", a coragem de ser a utilidade de ter, a justiça à compaixão, o valor ao útil, a valorização ao lucro, o agir ao dizer, o compromisso responsável à substituição "caritativa".

O Concílio Vaticano 2º é um esforço da Igreja, consciente da sua missão de enviada como profeta de Cristo ressuscitado e glorificado para dialogar com o ho-

mem que deve salvar, levando-o ao pleno desenvolvimento da sua vida de cristão, "sacramento de Jesus de Nazaré" O que exige dela, e de todos nós, uma atenção grande para não se perder valor algum que as culturas, as épocas e os povos possam apresentar.

A Liturgia não podia, de modo algum, continuar ritmada e incarnada numa cultura que desapareceu por nada dizer ao Mundo do nosso tempo, embora fosse um valor real e digno de todo o respeito. Seria anacronismo querer guardar uma linguagem litúrgica (gestos, língua, estruturas e sinais) que serviu de expressão aos mistérios sagrados num período totalmente diferente do nosso.

O homem da Idade Média, vivendo numa sociedade precientífica, alheia a toda a preocupação social e de valorização humana centrada sobre a obediência e a autoridade, pouco preocupada com os direitos dos homens (liberdade, responsabilidade e originalidade), transformada voluntariamente em

Continua na 7.ª pág.

HOMEM MODERNO E LITURGIA

Diante
de ti
estende-se,
luminosa,
a estrada
branca
da vida

R. Claude



rampa de lançamento

Para ti, Amigo

Sempre que oiço os teus passos
na calçada da minha rua solitária,
saio à janela para ver-te
de cabeça erguida,
com os teus olhos tristes que me
prendem,
cujos segredos não consigo des-
vendar.
Há em ti qualquer coisa que me
atrai.
Não sei o que é.
Talvez seja a tristeza dos teus
olhos . . .
Donde virá essa tristeza? Acaso
sofres?
Diz-me o teu segredo.
Ajudar-te ei a levar a tua cruz.

Sónia

MÃE

Nunca vira,
com olhos de ver,
a palavra mais linda que o mundo
tem.

Agora, que já a vi,
procuro-a; mas roubou-m a
a morte de minha Mãe.

Ó morte,
que quando roubas
não escolhes bom ou mau,
porque não esqueceste
aquela que tanto amou?

Sou agora triste Dido
procurando, em vão, Eneias
até ao suicídio.
Não. Mas eu não penso nisso.

Seja feita a tua vontade
e a minha desfeita.
Pois eu,
agora que tanto padeço,
não posso ver aquela
a quem tanto quisera amar.
Na minha inocência,
muito do meu amor
não lho cheguei a dar.

A cada passo chamo-a
e não ouço senão
o eco da minha própria voz . . .
Será que a minha sorte é esta,
não poder falar com ela,
viver nesta dor atroz?

Lina Silva

TREVAS

O vento irado sopra do mar,
açeita as árvores e perde-se em as-
sobio pela Terra adentro.

A cidade adormecida subia, já
cansada, as encostas dos montes
que a cercavam.

Rendilhando a avenida margi-
nal havia pequenas manchas es-
branquiçadas que furtavam à tur-
vadez das águas negras um pouco
de contraste.

A praia parecia deserta, e aos
olhos de um observador pouco cu-
rioso ela estaria deserta.

Só, com a solidão, um vulto mo-
via-se ao longo da praia. Seus pas-
sos ficavam imprimidos por leves si-
nais de tacões pequeninos. O seu
perfil era de mulher.

De repente, potentes faróis de
um automóvel varreram a superfi-
cie do mar, com vagar. A sombra
do vulto solitário projectou-se na
água, metamórfica.

O carro parou perto do mar: era
um carro "sport", branco, descapo-
tável. Quem o guiava também esta-
va só. Parecia procurar algo que o
envolvesse totalmente durante a noi-
te. Saiu do carro batendo a porta de-
vagar. De estatura alta e bem pro-
porcionado, bem vestido, era um
pouco magro. Trazia um fato de bom
corte, amarrotado, os sapatos negros
de brilho apagado. Os cabelos des-
penteados davam-lhe um ar pensativo
e vagabundo.

Tirou um maço de cigarros e,
com gestos lentos colocou um ci-
garro entre os lábios, chegou-lhe a
ponta de um palito em chamas. Pelo
movimento do peito, pareceu sorver
uma grande baforada, que instantes
após dançava no ar diante dos seus
olhos.

O tempo amainara.

O homem desceu à praia. Pela
ligeireza dos seus passos via-se que
qualquer coisa o atraía para um
ponto fixo.

— Ei, ei! — gritou ele, quando
chegou perto do vulto — que está
fazendo aqui, a estas horas? — con-
tinuou, falando só. Aconteceu-lhe al-
guma coisa? Diga!

Nem as pestanas dela se move-
ram. Diante daquela passividade, o
homem colocou levemente a mão
direita sobre o ombro daquela que
surda parecia, sacudiu-a ao de leve,
e ela voltou-se para o lado donde
sentia o peso sobre seus ombros.
Meneou a cabeça no sentido nega-
tivo, como se implorasse que a dei-
xassem ali, entregue à solidão. Não
pronunciou nenhuma palavra.

— Que faz aqui? — voltou a per-
guntar o rapaz. Vamos para a cidade,
tenho um carro ali. Não te faço mal,
vamos! — quase implorou o homem.

Ela levantou-se e, deixando-se le-
var como uma criança, à luz das
lâmpadas eléctricas da avenida pu-

Conto por S. T. A. — I

deram-se ver melhor. Ele aparenta-
va estar na casa dos vinte, tinha o
rostro imberbe, o que lhe dava ar de
moço.

Ela aparentava ter menos de
vinte, pequenina, mas proporcionada,
os olhos vivos e redondos, o nar-
riz um nada de arrebitado, a boca
carnuda, os cabelos negros e man-
sos, e a cor era morena. Trajava
um simples vestido negro com en-
feites na gola a vermelho e branco.

Entraram no carro, ela sem pro-
testo, e ele, respeitando aquele silê-
ncio tumular, não fazia mais pergun-
tas.

O motor do carro quebrou o silên-
cio da noite e as rodas começaram
a girar. Aliem silêncio continuaram.
Até que o rapaz disse:

— Aonde queres ir? — voltando
o olhar para ela.

Como não obteve resposta con-
duziu o carro por várias ruas, até
que resolveu fazer de novo a per-
gunta, e duvidar que ela era surda-
muda. Ao voltar-se, porém, viu que
ela adormecera. Assemelhava-se a
uma avezinha morta de cansaço e
molhada pelo aguaceiro invernal.
Encolhera-se pondo as mãos no
peito, numa posição de protegê-las
contra a geada nocturna. Decorria o
mês de Dezembro e mesmo em
Cabo Verde sentia-se o ar frio inva-
dir a atmosfera da zona dos trópicos.

A ternura invadira a alma do ho-
mem que ia ao volante. Criado ru-
demente entre as áridas montanhas
de Santiago, desde a infância tinha
o coração também rude e poucas
vezes se sentia naquele estado de
ternura. Cumpria o serviço militar
em Angola e tinha vindo passar as
férias em S. Vicente, Saira cedo da
escola devido ao seu temperamen-
to pouco soável, e tudo o que as
habilitações literárias lhe podiam dar
eram umas divisas de furriel. Era
hóspede numa casa da suatía que
se tinha ausentado com a família
para passar férias. A casa, era um

primeiro andar moderno dotado de
várias acomodações. Só ocupava o
rés-do-chão, nunca tendo subido ao
primeiro andar.

Era curta a distância que os se-
parava da dita casa. Olhou para o
relógio luminoso do carro, cujos
ponteiros indicavam as duas e meia
da madrugada. Arrumou o carro na
beira da estrada, saiu em silêncio,
tirou as chaves da porta, abriu-a e
voltou para o carro.

"Que estarei eu fazendo? — inter-
rogou-se a si mesmo quando com
precaução abria a porta do carro, do
lado onde a mocinha estava dormin-
do. Mas a ideia de vê-la abandonada
na noite fria perdeu contra a de
ampará-la. Levantou-a nos braços,
com cautela, fechou a porta do
carro com o pé e com os mesmos
cuidados com que a retirara do
carro colocou-a em cima da cama
dele. Ao contactar com o leito ela
sussurou leves gemidos, mas conti-
nuou a dormir. O homem saiu de
novo para fechar o carro com as
chaves. Quando entrou, abriu uma
janela das várias que o quarto tinha,
arranjando aquela atmosfera de si-
lêncio.

Ela dormia encolhida como um
caracol. O dono do quarto retirou
um lençol do armário e cobriu-a;
ajeitou-se debaixo do lençol, para
depois se imobilizar.

O furriel desembaraçou-se do
casaco, tirou a gravata e vestiu uma
camisa de malha e calças de «cow-
boy». Sentou-se num «maple» a um
canto da sala e ficou ali de vigília.
Adormeceu, mas pouco dormiu, pen-
sando que todos os acontecimentos da
noite eram um sonho. Ainda com
as pálpebras semi-cerradas, prescru-
tou o quadro, e o pequeno vulto
deitado. A boca negra da noite des-
cerrara seus dentes, deixando a cla-
ridade matinal por entre eles pene-
trar. Pelas persianas do lado nascente
a claridade era mais intensa. Breve
o sol iria despontar no hori-
zonte, além, atrás dos montes nus
que circundam Mindelo.

Ela continuava a dormir como
quando o rapaz a deitara; apenas
desencolhera os joelhos.

(continua)

Sociedade Luso-Africana, L. da

End. Tel e. ANIL -- Prá a
Praia-CABO VERDE

Importação-Exportação
Representações

Sede em Lisboa

RUA DOS FANQUEIROS 62 1.º
TELEFS: 325417-362251-2-3
End Teleg: Cutra-Lisboa

DIGNIDADE HUMANA

Continuação da 4.ª pag.

funde no sexo, na raça, na cor, na condição social, na língua ou na religião como ultrapassada e, portanto, deve ser eliminada sendo contrária aos desígnios do Criador (GS 29).

Esta eminente dignidade exige, portanto, respeito pela pessoa do homem que é sagrada. Isto vem solenemente afirmado tanto na Mater et Magistra como na Pacem in Terris de João XXIII e, mais recentemente, compendiado na Gaudium et Spes do Vaticano II. É deste último documento a seguinte perícopo: "Todas as coisas que atentam contra a vida humana, como são os homicídios, os genocídios, os abortos; tudo aquilo que constitui uma violação da integridade da pessoa humana, como são as mutilações, as torturas morais ou físicas, as pressões psicológicas; tudo quanto ofende a dignidade humana, como são condições arbitrárias, as deportações, a escravatura, a prostituição, o comércio de mulheres e raparigos, ou ainda as condições degradantes de trabalho que reduzem o operário a mero instrumento de lucro. . . todas estas coisas são uma infâmia e totalmente contrárias à honra devida ao Criador" (GS 27).

Há-de haver, porém, uma base mínima e imprescindível para o respeito desta dignidade da pessoa. Na verdade, não pode haver desenvolvimento da sociedade sem a promoção da pessoa humana considerada na sua individualidade. E todo o homem, como membro da sociedade, tem direito à segurança social" (D. U. D. H. 22).

O Concílio insiste na responsabilidade que cabe à sociedade pela garantia dos meios que permitem ao homem um digno nível de vida condizente com a sua própria dignidade. Afirma o citado documento do Vaticano II no seu número 26: "É necessário que se torne acessível ao homem tudo aquilo de que precisa para viver uma vida verdadeiramente humana, como é o alimento, o vestuário, a habitação, o direito de escolher livremente um estado de vida e de constituir família, o direito à educação, ao trabalho, à boa fama, ao respeito, a uma informação conveniente, à protecção da vida privada e à justa liberdade, inclusive em matéria de religião, o direito de agir segundo a recta norma da sua consciência". Sem o reconhecimento destas inadiáveis garantias, toda a estrutura comunitária estaria votada ao desequilíbrio, à tensão, à desordem, ao caos.

Os Pais, primeiros catequistas dos seus Filhos

Continuação da 4.ª pag.

mas insuficiente, se se ficar por aí. Há que fazer um esforço para se informar, através das reuniões de pais, de leituras e outros meios.

É lamentável que muitos pais ignorem completamente as grandes linhas da evolução psicológica da criança, as crises que atravessa, os pontos em que precisa de ser ajudada em certos momentos da sua vida.

Não queremos terminar sem fazer aos pais mais um apelo.

Agora, que as crianças se encontram no período de férias grandes na escola há férias também na catequese.

Mas as crianças não estão dispensadas de viver uma vida cristã como até agora. Têm obrigação de participar na Santa Missa ao domingo. São os pais que devem velar pela manutenção desta exigência, dando eles próprios o exemplo, fazendo-se acompanhar dos seus filhos ou, no caso de isso ser impossível, vigiando para que o catequista ou outra pessoa encarregada os leve a participar na Liturgia.

E a Santa Missa começa com o cântico de entrada. . . Se são os educadores os primeiros a dar um mau exemplo de pontualidade, que se poderá esperar dos educandos?

M. do Carmo Gonçalves

"A fome, a miséria, as doenças endémicas, a ignorância, o analfabetismo" são amargos frutos deste gritante vexame aos direitos da pessoa humana. Hoje, graças aos rápidos meios de comunicação, é absolutamente fácil constatar as estatísticas com os fenomenais números de famintos, as fotografias de crianças com a barriga inchada e as órbitas escavadas. É o escândalo que se tornou familiar mas que o Concílio reprime severamente como contrário aos desígnios do Criador.

É vergonhosa e ultrajante à dignidade humana a compaixão neofarisaica que compunge mas não desce do seu pedestal para libertar e comungar com o homem da servidão, torná-lo capaz de, por si próprio, ser agente responsável do seu bem-estar material, progresso moral e desenvolvimento espiritual" (PP 34). Pode haver nisto uma dádiva, mas não há um dom do homem ao outro.

A sociedade moderna ganhou a mania de condenar sem apelo a contestação juvenil, rindo-se dos cabeludos e das flores dos hippies, mas esquece que "a juventude se revolta porque adquiriu o sentido da responsabilidade, não estando de acordo com a falsificação dos valores que verifica entre os homens". Esquece também que essa revolta não é só verdade de uma mocidade irreverente e transviada, mas uma chamada de atenção para as realidades das condições injustas, desumanas, antisociais, que se criaram e constituem um pecado colectivo por que ninguém se sente responsável.

Se o respeito pela dignidade e os direitos humanos se refere a todo o homem, muito mais ao cristão, comprometido como está com a construção dum mundo mais humano. Ele incarna Cristo, modelo do homem que aspira à perfeição. Mais do que qualquer outro tem o dever de contestar, de denunciar, de lutar pela implantação duma sociedade onde todos e cada um se sintam homens. "Não deve pois sentir temor de ser reprovado, suspeito, condenado ou posto à margem da grande massa dos conformistas". Hoje, ser conformista é pecado. É o grande pecado do nosso tempo.

(continua)

Viriato Gonçalves

Continuação da 7.ª pag.

crisandade, sentia-se bem "recebendo apenas", assistindo piedosamente à Liturgia, sendo "mandado" e esperando dos responsáveis todas as iniciativas, orientações e compromissos.

Neste ambiente, a Liturgia tornou-se jurídica, clerical, estática e alheia à vida. O sentimento, provocado por um alegorismo exagerado, bastava para comprometer fundamentalmente os cristãos e, assim, os lançar em busca da aduetez em Cristo Senhor.

A ciência moderna, os movimentos de emancipação e consciencialização do valor do homem, a democratização da sociedade e o aparecimento da História como ciência fizeram aparecer um novo tipo de homem — muito mais crítico, consciente do seu valor, exigente e oposto a toda a massificação como à esmola daquilo que ele sabe poder e dever obter pelo esforço e pela inteligência. O homem hoje quer marcar tudo pela sua capacidade de conhecer e amar.

A reforma litúrgica do Vaticano

II aparece-nos como a aprovação do movimento de aduetez lançado no princípio deste século por S. Pio X, continuado pelos liturgistas, pastores e magistério (de um modo especial a encíclica "Mediator Dei", o congresso de Assis e as reformas de Pio XII e João XXIII) e exigida pela vivência do homem moderno nesta sociedade, que precisa de "ver para acreditar".

Só compreenderemos as reformas, só sentiremos alegria em mudar, necessidade de nos adaptar e as exigências pastorais das novas estruturas litúrgicas (ritual do Baptismo, Matrimónio, Eucaristia e, próxima, Penitência e Santa Unção) quando nos abirmos ao real valor da sociedade em que vivemos. O homem fechado às reivindicações dos jovens, à necessidade de renovação e da conversão contínua ao Evangelho como palavra actual e sempre nova para cada geração, não pode aceitar nem viver a Liturgia que, por natureza, está em contínua reforma. Daí a importância da mentalização, da formação da educação, na iniciação de padres e fiéis na vida da Igreja do nosso tempo. Parece-nos que o pressuposto necessário para compreender a Constituição sobre a Sagrada Liturgia é a capacidade para aceitar, viver e sentir a urgência da mensagem da Constituição Pastoral sobre a Igreja no nosso tempo. Perder o ritmo da evolução do mundo e da cultura é desorientar-se no crescimento da Igreja, actuada pelo Espírito Santo e, conseqüentemente, pôr-se à margem da Liturgia como expressão máxima, pois é fonte e meta da vida da Igreja de Cristo. Negar este mundo é negar o Espírito Criador que o actua sem cessar; não aceitar a renovação da Igreja ou a reforma litúrgica é desconfiar de Jesus, que prometeu estar presente no seu povo até ao fim do mundo, para que ele seja fiel ao Mistério de um Deus que se adaptou até ao ponto de passar entre os homens como o último dos filhos de Adão, o judeu condenado porque "blasfemo".

A morte de Jesus não é um fracasso do Nazareno, não é a fatalidade de alguém que se revoltou contra as autoridades mundanas e religiosas, mas o testemunho do Homem-Deus que apareceu como o "sinal da contradição" num mundo instalado e seguro da sua sorte, é o convite a todo o homem de boa vontade para não se deixar prender, iludir ou alienar pelas estruturas, pelas leis, pelos ritos, pelas aparências, pela tentação de "garantir" a salvação.

Acreditemos no Senhor sempre antigo e sempre novo do Evangelho e abramo-nos à vivência litúrgica proposta pela reforma pos-conciliar a exigida pelo Povo de Deus que devemos servir.

O pastor que se contentasse com "administrar" os sacramentos validamente, com a catequese das crianças, com as reuniões rotineiras, com quadros gerais onde tivessem de entrar todos os homens e todas as situações, com celebrações esplendorosas, mas não preparadas nem adaptadas às necessidades da assembleia, com manifestações religiosas próprias de época de crisandade e, até, boas para o nosso tempo quando não exclusivas e tornadas movimentos de massa por falta de formação, não iniciaria os cristãos numa vida eclesial segundo as perspectivas do Concílio nem seria fiel ao espírito da reforma litúrgica.

A formação tem de ser considerada parte essencial da função pastoral — cúltica e profética — de todo aquele que tem a missão de educar dentro da Igreja renovada e refortificada do Vaticano II. Toda a Liturgia é didáctica e portadora de uma

Afim de evitar extravios de correspondência, dirija os seus pedidos de assinatura exclusivamente para:

A VOZ PAROQUIAL

C. P. 10
PRAIA

mensagem que deve interpelar todos e cada um dos que a celebram. A resposta não é apenas uma reacção espontânea, mas uma vida comprometida, porque esclarecida do homem que aceitou abrir um crédito na sua vida a Deus e aos Irmãos.

O presidente da assembleia tem a obrigação grave, não só de representar, tornar presente e actuante o Senhor que opera Salvação pelo Sacramento, mas também de fazer tudo para que se sinta um membro comprometido da assembleia a que preside em nome de Cristo e da sua Igreja. A Liturgia prepara-se na vida toda, no apostolado e na formação humana e cristã. Não pode prescindir de uma preparação próxima que leve os fiéis a descobrir a grandeza do Mistério que vão celebrar. É o caso dos cursos de preparação para o Matrimónio, da explicação do Ritual do Baptismo e dos seus compromissos, das celebrações comunitárias da Palavra de Deus, que enquadrem e valorizem eclesialmente o sacramento do perdão.

A reforma torna-se inútil, quando não prejudicial, porque desorientadora, se não se prepararam remota e proximamente as celebrações litúrgicas. O Concílio evoluiu na própria noção da Liturgia; a Constituição Litúrgica ainda não beneficiou da graça total do Concílio, daí e ela não tirar a última conclusão à participação e vivência da Liturgia. Os documentos posteriores mostram como a Liturgia não acaba na Igreja, na assembleia, mas é fermento que deve levedar todo o nosso dia-a-dia. O homem só pode ser actor responsável da acção litúrgica se viver pela graça, se praticar a caridade, se não negar o Cristo da Eucaristia na sua vida concreta e mundana. Toda a actividade humana se torna, de algum modo, sacramental, portadora de salvação, actuação do Mistério Pascal do Senhor Jesus na vida dos indivíduos, das colectividades, dos homens, da história e do mundo. Sem o quotidiano, a vida litúrgica seria vazia, impessoal; seria um rito mágico e alheio à originalidade do cristianismo.

O Concílio compreendeu a intuição de Paulo, que denominava de "litúrgica" a vida sincera do cristão nos seus diversos aspectos: celebrações rituais, o apostolado, a vida de caridade. Para o Apóstolo, o baptizado, onde quer que actue, celebra a Liturgia, desde que o faça em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e por amor dos irmãos.

É impossível compreender o que é a Liturgia sem se viver o Cristianismo como a Aliança de Deus vivo com o Homem vivo. A Liturgia é a presença sacramental, visível, desse Pacto amoroso que liga Deus aos Homens e estes a Deus por toda a eternidade. Ser cristão é fazer da vida toda uma resposta a esse Deus que nos interpelou na pessoa de seu Filho, tornado carne mortal no seio de Maria; ser padre é servir incondicionalmente este povo peregrino congregado pela Palavra de Deus, consuetudo pelo Baptismo da Igreja e alimentado pela Eucaristia, que é a Ceia do Senhor e, portanto, dos Irmãos.

Por Alexandre Azevedo

HOMEM MODERNO E LITURGIA

LIVROS

Ficha: — GEOPOLÍTICA DA FOME — Josué de Castro — 2 vols. — Brasília Editora, Porto

Resenção:

Livro de extraordinária projecção e de extraordinário valor científico, este livro de Josué de Castro é certamente o ensaio sobre desenvolvimento mais considerado em todo o mundo.

No título, aparentemente difícil, se exprime qual a sua intenção: analisar o facto da fome na extensão geográfica e na extensão histórica. O grande valor deste livro é conseguir reunir em 400 páginas todo o complexo mecanismo do problema social mais grave do mundo (a própria guerra não o ultrapassa em gravidade).

Para lá do interesse científico comprovado, toda uma onda de humanismo consciente e fundamentado perpassa ao longo de todo o livro. Testemunho de um cientista que, sem deixar de o ser, não abdica de ser homem.

Livro que faria bem a muitos homens políticos, disse alguém. Livro que faz bem, no mais alto sentido da palavra, a quem tiver coragem de se debruçar sobre ele.

L. Cabral

LISBOA, 15/6—No final de uma visita oficial do ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Maurice Schumann, a Lisboa, foi assinado entre os dois governos o primeiro acordo de cooperação científica, técnica e cultural franco-portugues.

E. L. D. O., 12/6—Malogrou-se uma tentativa de colocação em órbita de um satélite desta organização espacial europeia, em consequência do mau funcionamento do terceiro andar do foguetão que o transportava. O referido satélite era de construção italiana, o primeiro andar do foguetão de construção inglesa, o segundo de construção francesa e o terceiro de construção alemã.

ROMÉNIA, 13/6—Chuvas torrenciais provocaram grandes inundações na Roménia, que causaram 61 mortos e 48 desaparecidos. 268 000 pessoas tiveram de ser evacuadas. Foram muito avultados os danos materiais.

LISBOA, 18/6—A indústria portuguesa de conservas atravessa actualmente uma situação gravíssima, segundo declarações do eng. Hélio Pereira da F. I. L.. Efectivamente, esta indústria produziu em 1969 os valores mais baixos dos últimos 15 anos: 49 mil toneladas.

PARIS, 20/6—O governo francês decidiu prosseguir com os planos de participação na barragem de Cabora Bassa, no Norte de Moçambique, a qual fornecerá energia para a região da província como também a União Sul-Africana, ao Malawi e à Rodésia.

MOSCOVO—O "Tupolev 144", réplica soviética do "Concorde" anglo-francês, avião supersónico comercial, entrará

Palavra do Papa

Continuação da 1.ª pág.

libertar o mundo do flagelo da guerra, e às Organizações internacionais que têm a responsabilidade da defesa da paz no mundo, um apelo angustioso e vibrante, para que os princípios morais de humanidade e de irmandade superem todos os outros critérios e interesses e para se realizar uma obra conclusiva de paz mais válida e concreta. Nela está empenhada a credibilidade das palavras e das acções, dirigidas para este supremo fim.

As dificuldades desta empresa, longe de interromperem os Nossos passos, estimulam-Nos a afrontá-la com maior ardor e generosidade. O diálogo da salvação, que se deve efectuar em escala mundial, obriga-Nos a seguir o exemplo arrebatador do grande apóstolo viajante: «... Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a todo o custo» (1 Cor. 9, 22). Firme na fé, inalterável na esperança e movida por um ilimitado amor, a Igreja vai ao encontro tanto das religiões mais antigas como das ideologias mais recentes e dos problemas mais árduos, para lhes levar o seu segredo e seu tesouro, que não são os de uma organização aperfeiçoada ou de uma técnica experimentada, mas sim «uma semente, um fermento, sal e luz» com palavras muito simples, que todos compreendam como uma promessa e uma libertação: ela «fala de verdade de justiça de liberdade, de progresso, de concórdia, de paz, de civilização». Ao homem novo que está a nascer, nestes últimos decénios do século XX, a Igreja leva a luz de Cristo Salvador, a força da sua presença, a chama do seu amor e a certeza da sua palavra desde as regiões da velha Europa até às fronteiras da imensa Ásia. Aos povos angustiados com a busca da paz e preo-

cupados com os espantosos problemas do desenvolvimento, ela oferece a sua mensagem de fraternidade universal «fazendo-lhes descobrir, independentemente de qualquer fronteira, vultos de irmãos, vultos de amigos» (Populorum Progressio, 75).

Este é o futuro da Igreja no mundo de amanhã, é este humilde contributo que, com imensa esperança. Nós queremos dar, modesta e firmemente, para que se torne realidade.

so serviço no próximo ano. Pode atingir os 2500 km/h, mas comporta apenas de 120 a 140 passageiros o "Concorde" tem capacidade para cerca de 3 centenas). Tem uma autonomia de 6500 km e o seu preço é de 600 mil contos.

LEIXOES, 5/5—Foi inaugurada perto desta localidade dos arredores do Porto nova refinaria da SACOR. Tem uma capacidade de refinação de 2 mil toneladas; os reservatórios comportam 800 mil toneladas; a sua capacidade de fabricação de óleos-base para lubrificantes é de 100 mil toneladas. A SACOR estudou as possibilidades de uma duplicação rápida da produção.

BRASIL — Agrava-se a crise provocada pela seca no Nordeste brasileiro. Num território de 300 000 Km² há 250 000 pessoas sem recursos e sofrendo fome e sede. Grassa ainda uma epidemia de peste bubónica.

Entre as medidas tomadas pelo go-

A VOZ PAROQUIAL

Praia—Centro Social Paroquial

Continuação da 2.ª pág.

indo para que prossiga a construção em ritmo acelerado desafiamos os derrotistas que se atrevam a dizer que somos poucos para levar a efeito tão grande obra.

É que o nosso amor a ela é grande e, robustecidos pela fortaleza cristã, acreditamos que se trata de uma autêntica cruzada em que nos empenhamos com fé e devoção.

Quando, há dias, percorremos as casas comerciais da capital e as repartições públicas, pedindo auxílio para a construção da obra recebemos de todos precioso óbulo que não significa qualquer milagre da nossa palavra, mas fruto de perfeita compreensão do fim a que se destina a obra.

Com tal auxílio e ajuda ficaram garantidas as prestações mensais a pagar à Empresa Construtora Lda até Novembro próximo, e esperamos que nas próximas actividades do Conselho Paroquial e organizações católicas e, bem assim, na viagem a empreender à Amé-

rica do Norte pelo nosso pároco, padre António Figueira Pinto, se consiga que os paroquianos e beneméritos continuem a proporcionar os meios pecuniários indispensáveis ao prosseguimento da obra que não pode parar.

Especialmente a ti, paroquiano amigo, peço-te que, ao passares pela rua Sá da Bandeira a caminho da Fazenda ou quando, em tarde amena deste verão precioso fores passear pela pracinha do Liceu, que entres no cercado e visites a obra em construção; vê com teus próprios olhos o que ali se está a fazer; será a tua casa de convívio social, será o centro onde os teus tilhos poderão receber o complemento da educação que lhes desejas proporcionar.

Como anunciáramos, partirão em princípios de Agosto para os Estados Unidos em missão de recolha de fundos para o Centro, o Padre Figueira, pároco da Praia, e o Padre José Maria, superior dos pp. do Espírito Santo em Cabo Verde.

Mas, sobretudo, tem consciência de que a obra é tua; que ela está a ser feita com o teu auxílio e a tua ajuda para que, quando no último Domingo de cada mês, dia em que as ofertas na igreja se destinam à construção do Centro Paroquial não te envergonhes com o que normalmente dás para tão altruístico fim.

É necessário que nós os paroquianos, mais que qualquer benemérito, tenhamos a exacta noção de que a construção do Centro Social paroquial é uma obra dos paroquianos para os paroquianos.

Amon

Faleceu o Presidente Salazar

Depois de concluída a composição, chegou-nos a notícia de que, em consequência do agravamento de saúde que o afectou nos últimos dias, morreu na madrugada do dia 27 o ex-presidente do Conselho Português prof. Dr. António de Oliveira Salazar.

O Governo da Província de Cabo Verde promoveu uma missa por ele às 9h do dia 30, quinta-feira.

A Voz Paroquial associa-se ao pesar da Nação pelo passamento dum homem de tão glorioso passado.

verno tendentes a minorar o flagelo contam-se projectos de irrigação e de experiências de chuvas artificiais, além da construção de estradas. Mas torna-se ainda necessário um auxílio de 10.000 toneladas de alimentos por mês registando-se, mesmo assim, um êxodo geral destas populações para as cidades, onde procuram o alimento que não encontram.

Morrem por ano 20 000 "flagelados"

1/2 — O Papa anunciou que visitará na segunda quinzena de Novembro as ilhas Filipinas e a Austrália. Será esta a 9.ª viagem que Paulo VI faz para fora da Itália

ROMA — Foram criadas as dioceses de Benguela (Angola) e João Belo (Moçambique). O bispo da primeira é D. Armando Amaral dos Santos, que desempenhava as funções de pároco de Vila General Machado.

IGREJA NO SALINEIRO

Foi inaugurada a 28 de Junho p. p. uma Igreja no Salineiro, localidade que dista uns 4 km da Cidade Velha.

A provar o alcance desta nova construção, a presença de centenas de pessoas não só do Salineiro como também da Cidade Velha, S. João Baptista, Santana, Pico Leão Praia e mesmo Santa Catarina.

Os fiéis da localidade já não precisam agora de se deslocar à Cidade Velha para a Missa dominical.

Fica-se a dever o empreendimento à dedicação persistente do rev pároco p. Custódio Campos, coadjuvado por uma excelente equipa de leigos conscientes e dedicados.

De destacar a firma Serbam, que forneceu toda a cobertura, as madeiras, os vidros e parte do cimento; a Brigada Hidráulica e o snr. Luciano Garcia de S. Domingos, bem como a maior parte dos camionistas da Praia, que ofereceram o transporte do material; o snr. António Moniz, a Assistência Pública e o Governo, que deram apoios de vária ordem; finalmente, a multidão de operários que se deram aos Sábados para que a casa de Deus do Salineiro fosse uma realidade. Bem hajam.

Está também em construção uma outra igreja em Santana, S. João Baptista.

Aguardamos a feliz notícia da conclusão.



Aspecto da fachada durante a missa da inauguração